



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

FRANCISCO DAS CHAGAS JUSTINO

**As comunidades juvenis (tribos urbanas) na
sociedade pós-moderna. Uma busca por aceitação,
adequação e inclusão no ambiente escolar.**

JOÃO PESOA – PB
2014

FRANCISCO DAS CHAGAS JUSTINO

As comunidades juvenis (tribos urbanas) na sociedade pós-moderna. Uma busca por aceitação, adequação e inclusão no ambiente escolar.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Mônica de Lourdes Neves Santana

JOÃO PESSOA – PB
2014

J96c Justino, Francisco das Chagas
As Comunidades Juvenis (Tribos Urbanas) na Sociedade Pós-moderna. [manuscrito] : uma busca por aceitação, adequação e inclusão no ambiente escolar / Francisco das Chagas Justino. - 2014.
34 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Mônica de Lourdes Neves Santana, Departamento de Linguas".
1. Inclusão escolar. 2. Ambientes escolares. 4. Integração social. I. Título.

21. ed. CDD 371.9

FRANCISCO DAS CHAGAS JUSTINO

As comunidades juvenis (tribos urbanas) na sociedade pós-moderna. Uma busca por aceitação, adequação e inclusão no ambiente escolar.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.


Aprovada em 19 / 06 / 2014



Prof.^a Dr.^a Mônica de Lourdes Neves Santana / UEPB
Orientadora



Prof.^a Ms. Eneida Maria Gurgel de Araújo / UEPB
Examinadora



Prof.^a Ms. Rosilene Augusto da Silva Llerena / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

À minha família, que é uma fonte de inspiração e força para seguir em frente, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr^a Mônica de Lourdes Neves Santana pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e paciência sem medidas.

À minha esposa Elizângela da Silva Justino e meus filhos Carlos Manoel Justino, Carlos Rafael Justino e Elis Maria da Silva Justino que são a locomotiva que me impulsiona.

À minhas irmãs Maria do Socorro Justino, Maria das Neves Justino e Maria das Graças Justino que me ajudaram e incentivaram de todas as formas necessárias e possíveis na conclusão deste trabalho.

À minha mãe Prof^a Antônia dos Santos Justino (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, está constantemente viva em meu coração, dando-me força.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo deste curso para trazer de volta minha capacidade de estudar, aprender e me atualizar tendo sido colaboradores diretos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe inesquecíveis, pelos momentos de amizade, brincadeiras, debates inteligentes e apoio.

“Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 26).

RESUMO

Este documento estuda as dificuldades encontradas pelos jovens pertencentes às comunidades juvenis das cidades, também denominadas “tribos urbanas”, relacionadas à sua adequação às regras e comportamentos pré-estabelecidos nas escolas. Serão abordados os principais tipos de “tribos” existentes nas cidades e o contexto histórico do surgimento desses agrupamentos juvenis, além de caminhos e propostas para solucionar seus problemas de integração. Foi realizada uma revisão da literatura relacionada ao tema, tomando como base para o referencial teórico, autores como Maffesoli (1998), Freire (1986) e Dayrell (1996), dentre outros que abordam a temática da educação de grupos de jovens e sua inclusão. O objetivo principal deste trabalho é através da análise das dificuldades de inclusão de membros desses grupos nas escolas e da investigação de seu comportamento apontar caminhos que levem a criação de ambientes escolares onde todos possam ser aceitos e ter as mesmas possibilidades de desenvolvimento.

Palavras-chave: Tribos urbanas. Inclusão. Ambientes escolares. Adequação. Integração.

ABSTRACT

This document examines the difficulties encountered by young people belonging to youth communities of cities, also called "urban tribes", related to its suitability to pre-established rules and behaviour in schools. Will be addressed the main types of "tribes" that exist in the cities and the historical context of the emergence of these youth groups, as well as paths and proposals to solve their problems of integration. A review of the literature related to the topic, taking as a basis for theoretical reference authors like Maffesoli (1998), Freire (1986) and Dayrell (1996), among others that discuss the theme of education of youth groups and their inclusion. The main objective of this work is through the analysis of the difficulties for inclusion of members of these groups in schools and the investigation of its behavior point paths that lead to the creation of school environments where everyone can be accepted and have the same opportunities for development.

Keywords: Urban Tribes. Inclusion. School environments. Adequacy. Integration.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	AS “TRIBOS” URBANAS E OS JOVENS - Quando o jovem busca uma “tribo” ou comunidade juvenil.....	10
	2.1 Surgimento das comunidades ou tribos juvenis no contexto histórico e pós moderno.....	12
	2.2 Principais tipos de “tribos” ou comunidades juvenis no mundo.....	13
	2.3 Tribos Juvenis no Brasil.....	17
3	A ESCOLA E AS TRIBOS JUVENÍIS – Problemas para adequação das diferenças.....	24
4	CAMINHOS E NOVAS PROPOSTAS – Transformações na busca das soluções.....	26
	4.1 Modernizar Conceitos e Relações Através da Pesquisa e Uso das TICs.....	26
	4.2 Experiências exitosas a caminho da aceitação das diversidades.....	28
5	CONCLUSÃO.....	31
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Ao constatar que no nosso mundo pós-moderno é cada vez mais visível as transformações que ocorrem de maneira acelerada, muitas vezes sobrepondo-se num ritmo frenético; torna-se necessária uma reflexão sobre o número que aumenta diariamente dos grupos ou comunidades de jovens, denominados popularmente de “tribos juvenis urbanas”.

Este tema atraiu minha atenção, por observar nas escolas públicas em que leciono a disciplina Educação Física a formação de pequenos grupos com aparência e características atitudinais semelhantes entre si, que costumam reunir-se antes e após as aulas, e durante os períodos de intervalo.

É possível perceber que na medida em que se relacionam bem entre o grupo, os participantes desses “grupinhos” na maioria das vezes demonstram dificuldades em integrar-se e interagir com os outros alunos, como também tem um relacionamento difícil com professores e demais funcionários da escola. Os pequenos agrupamentos formados nas escolas expressam na verdade um reflexo e por vezes são uma extensão dos grupos maiores, as “tribos” a que pertencem fora das escolas.

Ao detectar os problemas relativos à inclusão destes jovens oriundos das “tribos”, surgiu a constatação da necessidade, e a ideia de me aprofundar no estudo sobre essas dificuldades de adequação e produzir um trabalho que possa contribuir apontando caminhos no sentido de solucionar ou, ao menos compreender melhor suas causas e efeitos.

Investigando, através de uma pesquisa bibliográfica, o que pensam alguns autores e estudiosos da educação sobre as dificuldades dos membros de “tribos urbanas” nas escolas, identificamos as causas históricas de sua formação nas grandes cidades, como evidencia o sociólogo francês Michel Mafessoli, que criou o termo “tribo urbana”. Descrevemos também vários tipos de tribos com suas diferenças e características próprias.

Durante a pesquisa foi possível observar que geralmente os jovens participantes destes grupos temáticos denominados “tribos”, são considerados pelas escolas como alunos-problema, o que não tem facilitado em nada sua adequação e integração ao modelo de conduta estabelecido como correto dessas instituições educacionais.

Como ponto positivo deste trabalho, que pode significar um avanço, observamos que já existem projetos e experiências, algumas citadas neste estudo, com resultados satisfatórios em

que, ao invés de proibir comportamentos dos jovens considerados inadequados ao padrão tradicionalmente adotado, incentivam a valorização dos saberes adquiridos fora das escolas, fazendo com que o jovem sintam-se aceito e inserido a um ambiente escolar que utiliza-se das vivências e produção cultural (música, dança, teatro, grafite, etc.) de sua “tribo” como parte integrante da grade curricular e das atividades escolares.

Após um olhar sobre as concepções tradicionais com seu modelo correto único, torna-se evidente a necessidade da realização deste trabalho visando confrontar essas novas identidades com os métodos arcaicos e intransigentes, pois é preciso que ocorra uma mudança nos professores, equipes pedagógicas e gestoras para que os alunos sejam acolhidos e aceitos aplicando o princípio da alteridade, quebrando paradigmas e pré-conceitos.

O estudo das realidades desses grupos juvenis, suas motivações e sua interação com a escola sem forçá-los a moldarem-se as exigências e costumes tradicionais, pode levar a produção de novos métodos verdadeiramente inclusivos. “inclusão não se refere apenas a pessoas com deficiências” como diz Ferreira (2005) e não se trata de tolerância, mas sim mostrar caminhos de modernização dos currículos, que oportunizem vivências de valorização das diferenças e da diversidade, desenvolvendo potencialidades e formando cidadãos produtores de cultura e liberdade criativa; motivos pelos quais acredito que esta investigação trará grande contribuição ao entendimento deste tema e para busca de soluções definitivas.

2 AS “TRIBOS” URBANAS E OS JOVENS - Quando o jovem busca uma “tribo” ou comunidade juvenil.

O fenômeno da procura dos jovens por grupos ou “tribos” está ligado fortemente a fase de evolução da infância para a pré-adolescência e adolescência, quando estes estão em um processo de formação de suas identidades. Funcionando como um ritual de passagem e transformação, coincidindo cronologicamente com o período em que os jovens ganham certa independência em casa, podendo chegar mais tarde, escolher os lugares onde desejam ir e com quem ir.

Ao observar esse comportamento pré-juvenil, pode-se analisar que a formação de grupos é uma forma de suprir as suas necessidades de interação, comunicação entre iguais, afetividade e identidade. Os adolescentes anseiam por adquirir valores novos, diferentes aos que receberam na comunidade familiar saindo do marasmo e repetição do comportamento que lhe foi imposto. É unindo-se a um grupo que ele se sente mais forte, capaz de atuar e ser notado na sociedade, análise esta que corrobora com o que diz Dayrell.

São as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum indivíduo nasce homem. Portanto, a educação tem um sentido mais amplo, é o processo da produção de homens num determinado momento histórico (DAYRELL, 1999, p.142).

A união com o grupo contribui para o entendimento de sua individualidade. O jovem procura distanciar-se do que o prende à infância encontrando outras referências comportamentais fora do convívio familiar. Deseja experimentar e descobrir suas aptidões, talentos e potenciais através de suas próprias escolhas. Nesse contexto, o grupo de amigos exerce uma função determinante, por tornar-se a companhia ideal para atividades sócio culturais, trocar ideias e criar ideais, buscando produzir algo novo e ser relevante para a sociedade.

É preciso entender que esses jovens com suas identidades individuais influenciadas e modificadas pela identidade da tribo a que pertencem, frequentam as escolas juntamente com outros alunos considerados de conduta “normal”. É nesse momento que os problemas relacionados a sua adequação e inclusão acontecem.

Existe uma dificuldade em aceitar os diferentes estilos de comportamento dos jovens

alunos que são membros desses grupos “tribos juvenis”, por parte da maioria das equipes gestoras e pedagógicas, muitas vezes até causada pelo próprio sistema, que prefere e privilegia alunos que se enquadrem a ele, e não o contrário.

Considerando que os adolescentes e jovens necessitam da força e confiança que o grupo com que se identificam, sua “tribo” é capaz de lhe proporcionar, cria-se então um antagonismo de posições nos sistemas escolares. Reconhecer a força do grupo é também o entendimento de Marques, (1996).

O grupo parece representar uma fonte de socialização menos repressiva que a família, assumindo importante papel como fonte de referência social. “Entre pares, com frequência os adolescentes são menos exigidos a negociar perspectivas e encontram oportunidades de legitimar os próprios sentimentos e visões de mundo, norteados pela intensa identificação, compreensão, aceitação pelo grupo (MARQUES, 1996, p 23).

2.1 Surgimento das comunidades ou tribos juvenis no contexto histórico e pós-moderno.

A expressão "tribo urbana" foi criada pelo sociólogo francês Michel Mafessoli a partir de 1985. O termo consolidou-se quando ele publicou em 1988 o livro **O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa.**

É quase que impossível tratar de qualquer tema relacionado às comunidades ou “tribos” juvenis sem dialogar com o conceito de *tribos* de Michel Mafessoli (1988), autor que deu o nome de tribos a esses novos agrupamentos entre jovens nas sociedades contemporâneas, que já são característicos das grandes metrópoles espalhadas pelo mundo. Mafessoli utiliza a *tribo* como uma metáfora para o processo de fim da individualização na contemporaneidade.

Esses grupos ou comunidades, chamados tribos urbanas, se caracterizam por sua aparência, apresentando diferentes estilos visuais e temáticos como: corte de cabelo, estilo de roupa, linguagem, comportamento, ideologia, gosto musical, etc. cada grupo demonstra a singularidade representativa de seus membros.

Algumas tribos, por divergirem ideologicamente chegam a criar rivalidades em determinadas áreas ou bairros das cidades, o que por muitas vezes as levam a entrar em conflito. Essa rivalidade tem sido registrada desde os anos 60 na Inglaterra e, desde então se espalhou por “tribos” de todos os países, embora nem todos os grupos juvenis tenham temática rebelde, muitos deles tem como marca contestar as regras e convenções da

sociedade. Eles buscam a aceitação e respeito de suas ideias, e são responsáveis por muitas manifestações e protestos desde seu surgimento ao longo da história.

O mundo pós-moderno com seus avanços tecnológicos constantes, suas modernas formas de comunicação em massa constantemente em evolução e sua cyber conectividade fortemente influenciada pela mídia dominante, torna ainda mais rápida a criação e disseminação dos grupos ou comunidades denominadas “tribos” urbanas.

Essa “tribalidade” na sociedade pós-moderna evidencia uma inversão do conceito de modernização, onde as cidades e o ambiente urbano são vistos como uma selva em que é preciso unir-se em tribos para “sobreviver”. Ressaltando também a ligação quase que em sua unanimidade com a cultura juvenil, por ser nessa fase em que ocorre a criação e negação dos valores, formando e produzindo sua cultura representativa de suas identidades.

2.2 - Principais tipos de “tribos” ou comunidades juvenis no mundo.

Como forma de complementação de conhecimentos a fim de favorecer a compreensão deste trabalho, foi elaborada uma relação das principais tribos juvenis em nível das grandes cidades do mundo. Embora ela não tenha uma relevância fundamental no entendimento das relações e problemas entre as “tribos” e o ambiente escolar, que é o objetivo principal deste estudo, funciona como um dado ilustrativo dos assuntos abordados.

A catalogação profunda desses grupos torna-se complicada pelo fato de que eles estão em constantes modificações por muitas vezes gerando outros novos grupos. Existem inúmeros movimentos e comunidades e nossa observação neste trabalho tráz informações apenas sobre alguns grupos expoentes: basofes, desportistas radicais, nerds, drag queens, emos, góticos, grunges, metaleiros, hippies, punks, skinheads.

BASOFES

Origem: EUA.

Estilo Musical: Hip-hop e rap.

Aparência: São reconhecidos pela sua extravagância em brincos, o chapéu e a bolsa que transportam. Vestem roupas largas e adoram acessórios em ouro ou apenas dourados.

Características: "Julgam-se" indivíduos criminosos que trocam bairros sociais por guettos Norte-Americanos. Têm falta de hábitos de higiene e são geralmente pobres. Gostam de

conduzir carros alterados com cores chamativas e com o volume da música extremamente alto.

DESPORTISTAS RADICAIS

Origem: Surgiu em 1980 com a popularização das danças modernas depois se adaptaram para máquinas de ginásticas.

Aparência: Roupas próprias das modalidades desportivas praticadas

Manifestação: Cultura ao corpo perfeito. A sua prioridade é a saúde.

NERDS

Origem: EUA.

Aparência: Extremamente magro ou extremamente gordo, com falta de higiene pessoal. Utiliza, geralmente, óculos pretos que, quando partidos, são arranjados com fita-cola. Calças demasiado curtas. Vestem-se, normalmente, com roupas demasiado formais para a ocasião.

Características: Antissociais, são incapazes de ter uma conversa exceto sobre temas técnicos, e tendem a falar muito formalmente. São péssimos desportistas devido à falta de coordenação muscular e da inclinação em praticá-los.

Gostam de tudo relacionado à alta tecnologia Gostam de filmes, livros e jogos de ficção científica/fantasia. Passam maior parte do tempo em frente ao computador. Tem sede de conhecimento, e quanto mais conhecimento adquirem, mais desejam conhecer. Gostam de ler, na maioria das vezes sobre assuntos que a maioria não gosta ou desconhece.

DRAG QUEEN

Chama-se drag queen o homem que se veste com roupas exageradas femininas estilizadas.

Origem: EUA.

Aparência: São conhecidos pelos seus exageros no vestir, nos modos, na maquiagem e pelo estilo cômico de se apresentar.

Características: Existem também muitas drags que fazem eventos de heterossexuais, como animação de casamentos, festas de 15 anos, aniversários, etc. Embora na maioria das vezes os drag queens sejam homossexuais (gays), esta orientação sexual nem sempre é norma. Podem ser também bissexuais, assexuais e até mesmo heterossexuais.

EMOS (abreviação do inglês emotional).

O termo foi originalmente dado às bandas do cenário punk de Washington, DC que compunham num lirismo mais emotivo que o habitual.

Origem: EUA.

Estilo musical: Punk rock.

Aparência: Cabelos lisos e “colados” ao rosto. Roupas pretas com caveiras, desenhos em xadrez, maquiagem preta nos olhos (tanto rapazes como meninas), pulseiras, colares e anéis pretos e com rebites.

Características: São muito emotivos, choram muito. Fazem cortes na pele, principalmente nos pulsos, para se abstraírem dos problemas emocionais.

GÓTICOS

Origem: Reino Unido durante o final da década de 1970.

Estilo musical: Darkwave/gothic rock, death rock, trip hop, ebm, synthpop

Aparência: Roupas pretas, maquiagens escuras (luto pela sociedade).

Manifestação: Estudo sobre o que há de mais escuro nos seres humanos e que pode ser a fonte de libertação da sociedade. Libertar as pessoas da manipulação daquilo que aparentemente é considerado satisfatório e desejável para o mundo. Morte intelectual, ideológica dos seres e a favor de novas formas de ver o que aparentemente é novo e assustador para a sociedade.

GRUNGES

Origem: Seattle, EUA.

Estilo musical: Rock alternativo, Punk rock, Noise rock, Heavy metal.

Aparência: Totalmente descompostos, usam calções abaixo dos joelhos, camisas de flanela quadriculadas, tênis sujos, calças rasgadas.

Manifestação: Apoiam "o feio, o pobre, o sujo", em oposição ao glamour.

METALEIROS

É o um termo utilizado para designar um fã do estilo musical heavy metal ou qualquer uma

das suas variantes, termo que se refere especificamente à mesma tribo urbana.

Origem: Final da década de 60.

Estilo musical: Heavy metal, Extreme Gothic Metal, Symphonic Metal, Symphonic Black Metal, Vampyric Metal, Death Metal Melódico, Horror Metal.

Aparência: O estilo chamado de old school é composto de casaco preto, camiseta preta de banda ou não, calças jeans, acessórios "opcionais" como cinto, braceletes e pulseiras e tênis alto, geralmente branco. Em épocas frias, casacos de couro também fazem parte do vestuário.

HIPPIES

Origem: Califórnia, EUA em 1966.

Estilo musical: Rock psicodélico, rock soft.

Aparência: Cabelos muito compridos. Roupas velhas e naturalmente rasgadas, para ir em oposição ao consumismo, ou então roupas com cores chamativas, além de diversos outros estilos incomuns (tais como calças boca de sino, camisas tingidas, roupas de inspiração indiana).

Características: Uso de drogas como marijuana, haxixe, LSD, visando a "libertação da mente". Culto pelo prazer livre seja ele físico sexual ou intelectual. Repúdio à ganância e à falsidade.

Manifestação: Defendem o amor livre e a não violência.

PUNKS

O estilo musical punk rock surgiu nos Estados Unidos com a banda The Ramones, que se baseou no rock, com músicas simples e curtas, no máximo com três ou quatro acordes.

Origem: EUA, em 1975.

Estilo musical: Punk rock.

Aparência: alfinetes, símbolos, lenços no pescoço ou a mostra no bolso traseiro da calça, calças jeans rasgadas, calças pretas justas, bondage pants (calças xadrez com vários fechos nas pernas), pins de bandas punk e de protesto, casacos de couro com rebites e mensagens inscritas nas costas, coturnos, tênis, correntes, corte de cabelo moicano, colorido ou espetado, etc.).

Características: Como a maior parte dos movimentos populares, o movimento punk tem quase tantas nuances quanto o número de adeptos, mas em geral sustentam valores como anti

machismo, anti homofobia, anti fascismo, amor livre, anti lideranças, liberdade individual, iconoclastia.

Manifestação: O objetivo do movimento era a afirmação de um estilo, sem se envolver com questões éticas, políticas ou sociais.

SKINHEADS

Caráter patriota, ultranacionalista, conservador, fascista e/ou integralista, que promove ações violentas contra homossexuais, esquerdistas, diferentes tribos urbanas (em especial àquelas ligadas ao pensamento de esquerda) e drogados. São neonazistas e também agredem em alguns casos judeus, prostitutas, e outras minorias.

Origem: Reino Unido na década de 1960

Estilo musical: ska, skinhead reggae, punk rock e hardcore.

Aparência: Carecas. Usam botas e geralmente suspensórios.

2.3 Tribos juvenis no Brasil.

Como consequência de vivermos em um mundo globalizado midiaticamente em que modelos, costumes e tendências se difundem em uma velocidade vertiginosa, o fenômeno dos agrupamentos de jovens e adolescentes conhecido como tribos urbanas chegou também as cidades brasileiras. Seguindo os principais modelos europeus e mundiais, mas moldando-se as características de nosso país e absorvendo também as singularidades regionais de nossa nação de dimensões continentais.

Assim temos alguns grupos que existem em locais variados do País com diferenças advindas da cultura e peculiaridades das diversas regiões brasileiras.

Como em outros países as tribos juvenis urbanas estão chamando cada vez mais atenção das autoridades, comunidade acadêmica, mídia e sociedade em geral. Como podemos ilustrar através da reportagem da revista Veja, reproduzida abaixo, que dispensa apresentações como uma das publicações periódicas, formadora de opiniões mais respeitada do país.



O jeito de cada tribo

Já se foi o tempo do roqueiro que só se vestia de preto e do gótico que não ouvia reggae. As tribos urbanas ainda estão aí, mas os jovens transitam sem problemas entre elas. “É como se surfassem umas nas outras”, diz a psicóloga e pesquisadora de moda Cristiane Mesquita. “Eles se apropriam de elementos estéticos de algumas tribos, mas são raros os que seguem seus códigos a fundo.” Uma tribo urbana é uma espécie de pacote de gosto musical, ídolos, roupas e acessórios. É uma forma de sinalizar aos outros o que se é – ou não é nada disso. Pode ser simplesmente a expressão sem compromisso da preferência momentânea por uma moda ou por um artista pop. Quando saem para a balada, muitos jovens se vestem de acordo com a ocasião. A roqueira que usa roupa de couro durante seis dias da semana pode renascer clubber para uma festa a caráter no sábado. VEJA *Jovens* reuniu representantes das seis tribos urbanas mais numerosas do Brasil e pediu a eles que contassem como é seu estilo pessoal.

Fotos Marlos Bakker



↙ Eclética

Luiza Zaidan Pereira Mendes, 17

Estudante do ensino médio

- Seus estilos de música preferidos são hip hop, pop e samba. É fã da banda americana Lifehouse e da musa dos teens rebeldes Avril Lavigne
- Gosta de ir ao cinema. Adorou *Gangues de Nova York*, *À Espera de um Milagre* e *A Bela e a Fera*
- Teve um piercing na língua, mas já o tirou. Agora tem vontade de fazer uma tatuagem, porém ainda está indecisa
- Suas roupas são básicas: jeans M.Officer, camiseta da Track & Field, Siberian e C&A e tênis Nike
- Vai a poucas baladas, gosta mesmo é das festas na casa dos amigos
- Não tem nenhum ídolo
- O que sempre carrega na mochila da escola além do material: a carteira e chicletes



Surfista

Luigi Ucelli di Nemi, 17

Estudante do ensino médio

- Seus sons preferidos são reggae, rock e rap. O cantor do momento para ele é o americano Ben Harper, considerado pelos fãs uma mistura moderna de Jimi Hendrix com Bob Marley
- Sua prancha preferida é Bushman; a parafina da hora é Sticky Bumps. Para ele, o melhor calção para surfar é Quiksilver, com camiseta Oakley ou O'Neill. Roupas de borracha é da Rip Curl ou O'Neill
- Surfa no Litoral Norte de São Paulo, mas sonha viajar para a Indonésia
- Usa bermudas Gap e Volcom, camisetas de campeonatos de surfe e tênis Reef
- Sua maior diversão é ficar batendo papo com os amigos na água, boiando em cima da prancha enquanto espera as ondas
- Seu maior ídolo é Kelly Slater, surfista americano, seis vezes campeão mundial
- Em sua mochila da escola vão cadernos, canetas, livros didáticos e um casaco



▾ Clubber

Vanessa Cristina Vieira, 22

Consultora de moda

- Seu som preferido é o tecno. É fã dos DJs Mau-Mau e do casal Ana & Davi, que tocam nos clubes de São Paulo. Adora festivais de música eletrônica e raves
- Os cuidados com o visual incluem esmalte preto nas unhas e delineador preto da Avon, que também usa para fazer bolinhas nas pálpebras
- Gosta do escritor Paulo Coelho e seu livro preferido é *Veronika Decide Morrer*
- Tem uma tatuagem pequena nas costas e quatro piercings (na barriga, no nariz e nos mamilos)
- Gosta de usar saia curta, coturno, camisetas coloridas. Como acessório, um colar do Exército americano feito de strass. As marcas preferidas são Reinaldo Lourenço, A Mulher do Padre e Sommer
- Seu maior ídolo é DJ Rush, que mistura efeitos eletrônicos com música brasileira e The Beatles
- Na bolsa vão cremes, óculos, CDs, documentos, celular, agenda, maquiagem e às vezes uma muda de roupa

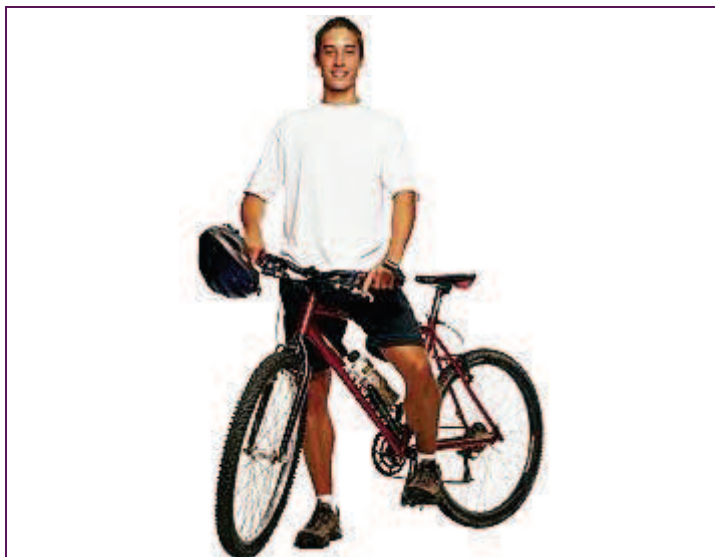


↳ **Roqueira**

Luíza Matsushita, 19

Estudante de design digital

- Só ouve rock e hard rock. Curte desde os jurássicos australianos do AC/DC até as bandas mais recentes, como The Donnas, Turbonegro, Hellacopters, Backyard Babies
- Maquia-se todos os dias antes de sair de casa. Passa muito lápis preto, muito blush, base, iluminador e brilho nos lábios
- Gosta de cinema e é fã do filme *Quase Famosos*, de Cameron Crowe, sobre um adolescente escalado para cobrir uma turnê de uma banda de rock para a revista *Rolling Stone*. Mantém um fotolog com o pseudônimo de Lovefoxxx
- Não gosta de livros, prefere revistas moderninhas, como a inglesa *The Face*
- Sua roupa para a balada e para o dia-a-dia é a mesma. Calça jeans justa sem marca, camiseta com cara de antiga ou de banda, tênis de cano longo All Star, Reebok e Vans. Jaqueta em estilo tradicional old school
- Seu maior ídolo é Terry Richardson, fotógrafo que se denomina "rocktografer"
- Tem sempre na bolsa uma garrafa de água, chiclete, porta-CDs de oncinha, discman, uma agenda pink e laranja, caderno, lapiseira e celular



↳ **Esportista**

Eduardo de Souza Ramos Figueiredo, 16

Estudante do ensino médio

- Curte MPB, reggae e rock. Ouve tanto a banda de surfe e skate music californiana Sublime quanto o pantaneiro Almir Sater
- Sua maior paixão é pedalar. Tem uma bicicleta Aerotech e vai a todo canto com ela. Gosta de fazer mountain bike e é faixa marrom de caratê
- Uma de suas poucas vaidades é tosar os cabelos com máquina
- Seu uniforme para o dia-a-dia é composto de bermuda de tãctel com logomarcas oficiais de campeonatos de surfe e ralis, tênis Timberland e camiseta Hering
- Seus programas noturnos preferidos são jantar e cama. De vez em quando vai a um barzinho calmo ou a uma pizzaria
- Seu maior ídolo é Michael Schumacher, campeão de Fórmula 1
- Carrega sempre na mochila da escola livros, carteira e canivete suíço

Zeca Rodrigues



↙ Hip Hop

Juliana Maria da Silva, 18

Cabeleireira

- Ouve hip hop e rhythm'n'blues. Revezam-se em seu CD player os discos da dupla francesa de soul Les Nubians e da musa do hip hop Missy Elliott
- Lê revistas de moda, estilo e música negra americanas. Curte livros de sociologia e história negra. Está lendo *Esmeralda -- Por Que Não Dancei*, autobiografia de Esmeralda Ortiz, uma ex-menina de rua viciada em crack
- O filme preferido é o brasileiro *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles
- Capricha no visual moderno, sempre usando uma saia e uma camiseta combinadas com botas e tênis bacanas. Não se importa com grifes, mas gosta de jovens estilistas brasileiros, como Caio Gobbi e Andrea Bilinski
- A balada preferida é aquela em que rola música black
- Tem vários ídolos negros, entre eles a cantora de rhythm'n'blues Jill Scott
- Sempre carrega na bolsa creme hidratante, batom, o livro que está lendo, um dicionário de bolso inglês-português e um caderninho para anotar pensamentos e letras de rap que está compondo

3 A ESCOLA E AS TRIBOS JUVENÍS – Problemas para adequação das diferenças.

A escola, segundo Paulo Freire deve ser um espaço com um ambiente favorável à aprendizagem significativa que valoriza o diálogo e respeito entre todos, contribuindo para a curiosidade, criatividade, raciocínio lógico, o estímulo e a descoberta (FREIRE, 1996).

Analisando as afirmações deste importante educador e escritor brasileiro e contrapondo com a observação das estruturas administrativas e pedagógicas da maioria das escolas e espaços educacionais atualmente, identificamos vários e importantes conflitos entre o que temos e o que aspiramos para nossas escolas.

Uma prática essencialmente tradicional com relação às expectativas comportamentais dos jovens e adolescentes no ambiente escolar, que evidencia um tratamento que exige uma forma de comportamento que se considera previamente estabelecido como correto e adequado a todas as escolas, quase que uniforme e rigidamente imutável por gerações e gerações. Administradores escolares, equipe técnica e professores em sua grande maioria consideram uma insubordinação gravíssima indivíduos ou grupos que se diferenciem desse padrão comportamental único e “perfeito” nas escolas. Os alunos independentemente de suas diferenças biológicas e socioculturais é que precisam (e quanto mais rapidamente, melhor) se adaptar e adequar a esse sistema quase que opressor que vigora nas escolas.

Nem por um momento as equipes administrativas e pedagógicas parecem questionar a possibilidade de que, no processo restritivo e controlador de comportamentos considerados diferentes do usualmente utilizado, inibem e restringem as potencialidades e a liberdade criativa que faz bem e acrescenta qualidade ao processo ensino aprendizagem e ao desenvolvimento geral dos alunos.

É curioso notar a dificuldade que as gerações mais antigas têm em aceitar mudanças, nos processos relativos à educação. Muitos profissionais da educação resistem em aceitar e incentivar atitudes que destoem dos métodos que tradicionalmente são usados nas escolas.

A negação à quebra dos antigos e solidificados paradigmas de procedimentos antigos e antiquados, mostra também um receio em ter seu status de controle e dominação do ambiente diminuído. Ter ameaçada sua posição de protagonista central no processo educativo, juntamente com uma paralisia no que diz respeito a sua atualização, formação e pesquisa; principalmente nos profissionais mais antigos que se consideram em fim de carreira e não aceitam considerar uma mudança de métodos e pensamento.

A inexistência de atualização metodológica e pesquisa acadêmica de muitos, diminui as iniciativas de desenvolvimento de projetos e experiências nas escolas que poderiam modificar esse panorama de distanciamento entre professores e alunos e desinteresse em frequentar e permanecer ativa e prazerosamente nas salas de aulas espaços escolares em geral.

Essa linha de pensamento é defendida por Paulo Freire em sua obra *“Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa”* onde afirma que a relação que se estabelece entre educador e educando é alicerçada pelo princípio do aprendizado mútuo, não havendo uma verdade absoluta trazida pelo professor para a sala de aula, uma vez que o aluno já traz consigo conhecimentos prévios e, conseqüentemente, sua visão de mundo.

Negar a existência de conhecimentos, saberes e valores anteriores à chegada dos alunos nas escolas, bem como não valorizá-los como forma de produção cultural e social é um dos principais fatores que levam a não adequação e integração de muitos jovens nos sistemas escolares, contribuindo para que os alunos não estabeleçam uma relação de pertencimento à escola, suas instalações e atividades, sentindo-se excluídos por não ter aceitas, características e práticas suas que consideram importantes e das quais se orgulha em desenvolver.

Refletir sobre essas práticas existentes em nossas escolas nos leva a questionar se não poderiam ser consideradas como uma forma de discriminação ou exclusão contra jovens com comportamentos atitudinais divergentes do que o sistema educacional considera normal. Fica a incerteza em saber até que ponto a escola está colaborando para que esses jovens indivíduos possam “encontrar seu papel social e agir de acordo com esse papel” (GADE, 1980, p. 36).

Fica evidenciado que os problemas de ajuste de comportamento e posturas de vários alunos dialogam e relacionam-se com problemas que estão sendo fartamente discutidos e investigados, como a evasão, reprovação e violência nas escolas. Como podem sentir-se confortáveis e motivados a estudar, tendo suas habilidades, características, talentos e produções culturais trazidos de suas vivências fora da escola, descartados por não fazerem parte dos currículos e planos adotados pelo sistema?

4 CAMINHOS E NOVAS PROPOSTAS – transformações na busca das soluções.

Antes de caminhar efetivamente ao encontro de métodos e mecanismos que nos levem a solucionar os problemas de ajustamento e inclusão dos jovens oriundos das “tribos” juvenis urbanas no âmbito escolar, não podemos negar a existência também, de um atraso geral das instituições educacionais que se estendem às instalações físicas, equipamentos e recursos materiais, principalmente na maior parte das redes públicas. Tornando uma tarefa difícil, atrair e motivar os alunos a comparecer e permanecer nas escolas, que não oferecem inovações para despertar seu interesse.

A permanência por um longo período de tempo em um local geralmente fechado e com pouco espaço, além das regras restritivas de comportamento, tendo como motivador de interesse para aprendizagem apenas quadro e giz, contrasta com a liberdade de se expressar e realizar atividades prazerosas aos membros dos grupos juvenis, quando se encontram em seu ambiente fora das escolas. Portanto torna-se necessária também uma mudança de rumos nas autoridades que administram a educação, que passem a destinar mais recursos para modernizar física e estruturalmente as instalações escolares.

Outro ponto de relevante importância que precisa ser citado é a defasagem salarial da classe docente em relação a profissionais de outras áreas, fator que contribui decisivamente para falta de interesse e em muitos casos condições de atualização, formação e modernização dos conceitos e metodologia dos profissionais em educação.

4.1 – Modernizar conceitos e relações através da pesquisa e uso das TICs.

O processo de modernização da educação, visando permitir uma inserção e adequação maior de identidades, personalidades e comportamentos variados, fugindo a um padrão tradicionalista, passa na opinião de vários estudiosos e autores invariavelmente pelo campo da pesquisa e experimentação. Evidentemente a participação dos educadores como pesquisadores depende, além da sua própria compreensão da necessidade de atualizar seus

conhecimentos e ter contato com novos métodos; também da participação fundamental do incentivo governamental, como já foi anteriormente constatado neste trabalho.

De acordo com Demo (2003) “educar pela pesquisa tem como condição primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana” (DEMO, 2003, p.2).

Um dos caminhos possíveis para solucionar as dificuldades identificadas neste trabalho é a utilização das ferramentas denominadas TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), área em que não podemos deixar de citar algumas tentativas e experiências com reais possibilidades de êxito que vem sendo implementadas pelos governos federal, estaduais e municipais em varias localidades brasileiras, notadamente também em nosso estado, como a criação de espaços e salas de informática e multimídias; a distribuição de notebooks, net books e tablets, assim como a organização de cursos de iniciação e formação para alunos e educadores.

Considerando que os adolescentes e jovens que fazem parte da geração atual, denominados “nativos” digitais, tem amplo domínio tecnológico, muitas vezes diferentemente de vários profissionais da educação, geralmente os mais antigos, que sentem muita dificuldade na utilização das TICs, tendo também forte resistência em utiliza-las nas suas aulas. Esta afirmação referencia-se na opinião de Azzolino e Nabarreti, De que “grande parte dos atuais professores ainda estão acostumados e acomodados com seus livros marcados e remarcados, suas fichas e cadernos de anotações de aula que as vezes utilizam há anos” (AZZOLINO e NABARRETTI, 2008, p16).

Utilizar as novas tecnologias e seu abrangente leque de novas possibilidades pode ser a “ponte” que possibilite atrair a participação dos alunos que fogem aos padrões convencionais, para valorizar através das novas mídias e equipamentos os talentos e potencialidades advindas das vivências desses jovens em seus grupos de interesses diferenciados, adicionando suas próprias produções culturais e de conhecimentos ao currículo tradicional adotado pela escola. O Uso das TICs tem o potencial para ser um elo entre os educadores com os alunos “normais” ou diferenciados, e entre eles próprios. Segundo o que afirma Vieira “O conceito de espaço e tempo é modificado e em função desta especificidade, as TICs configuram-se como elementos norteadores da aprendizagem, potencializando a integração entre os sujeitos envolvidos e o conhecimento desejado” (VIEIRA, 2011, p.67).

Empregar as TICs ou quaisquer outras novas ferramentas ou metodologias quer sejam adaptando métodos já existentes ou criando através de estudos, projetos, novas pesquisas e experiências, tem demonstrado ser a direção mais acertada para encontrar

respostas e soluções para os questionamentos e dificuldades de inclusão explicitadas neste trabalho no entendimento acadêmico analisado. Estando em total concordância com o que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, P. 44-46) “O processo de construção e reconstrução de conhecimentos” desenvolve capacidades como as de “relação interpessoal, as cognitivas, as afetivas, as motoras, as éticas e as de inserção social”.

4.2 – Experiências exitosas a caminho da aceitação das diversidades.

Como exposto anteriormente nesta pesquisa, reconhecemos como real e comprovada, a existência dos problemas que haviam sido detectados em nossa vivência profissional em nossos locais de trabalho em educação. Nossa investigação sobre o tema nos levou a tomar conhecimento da existência de profissionais que se dedicam há algum tempo às pesquisas e projetos experimentais, buscando solucionar as referidas dificuldades ou em primeira instância minimizar seus danos.

Ao observarmos as experiências e projetos, fica evidenciado que nos mais bem sucedidos, utilizam-se as artes e cultura como ponto de convergência entre os grupos de adolescentes e jovens da escola ou das comunidades onde estes residem e que compõem a clientela atendida pelas escolas. Notadamente as atividades culturais que abrangem música e dança como forma de expressar as características, talentos e ansiedades de suas “tribos”. As escolas e a educação em geral precisam seguir esses exemplos para reunir essas vivências, anexando-as a seus planejamentos e enriquecendo com elas seus currículos, atraindo esses alunos “tribais” e tornando-os participativos e orgulhosos de notarem-se valorizados e inseridos.

Duas experiências entre várias serão destacadas e explicitadas a seguir, como exemplos de modelos de projetos exitosos.

EXEMPLO – 1

Projeto - Sons das Tribos: compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre.

Autor - Lisiane Gazola Santos. Como dissertação para Mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Realizado na instituição: Instituto de Educação, escola pública de Porto Alegre - RS.

As praticas foram vivenciadas por alunos do Ensino Médio Noturno, no ano de 2004.

O projeto foi elaborado em conjunto com alunos do Grêmio Estudantil da escola, para dar visibilidade aos movimentos dos grupos em que participam os alunos – as chamadas tribos – que trouxeram diferentes formas de produção de identidades e expressões culturais através de diferentes formas de musicas, gostos musicais e estilos. Desenvolvido em uma perspectiva interdisciplinar tendo a musica como foco central, e como através dela é possível dar visibilidade aos pertencimentos e aos distintos estilos produzidos nas “tribos” (como marcadores da presença de culturas juvenis no espaço escolar e urbano em geral). Foi estabelecido um contato da idealizadora do projeto com os grupos de jovens das tribos durante quatro meses, conjuntamente com os organizadores de eventos e atividades culturais da escola (jovens do Grêmio Estudantil). Os alunos participantes foram observados, entrevistados e fotografados em suas atividades que aconteciam no ambiente escolar, buscando entender as relações dos jovens nas e entre as tribos.

O projeto envolveu diversas atividades, como a Gincana das Tribos, os Shows nas escadarias e o Festival de Bandas, trazendo visibilidade as produções culturais dos alunos.

As tribos foram organizadas e divididas em conformidade com os alunos. Situando-se no seu grupo de maior compatibilidade e entrosamento.

O festival de bandas contou com a apresentação de nove bandas de vários gêneros musicais (rap, pagode, rock, trash metal etc.).

Objetivos

O projeto tem como objetivos:

- integrar os alunos do noturno, com música, competições e brincadeiras;
- unir todas as tribos para favorecer a boa convivência entre os alunos;
- oferecer oficinas sobre cada tribo para para divulgar a música, o estilo e a arte de cada uma;
- colocar musica no intervalo, dividindo o tempo para cada tribo;
- fazer shows e concursos de bandas de alunos da escola;
- integrar as diferenças através da musica das tribos.

Atividades:

- gincana das tribos;
- Shows das tribos;
- Musica no intervalo (rádio dos alunos);
- Festival de bandas (parceria com o Grêmio Estudantil);
- Oficinas das tribos.

EXEMPLO 2

Extraído do Blog da Internet: Jovens e Tribos.

Sábado, 18 de abril de 2009

Projeto E.U.A. - Escolas Unidas de Americana (ou "onde tudo começou")



O interesse pela Juventude atual sempre me foi presente. Porém tornou-se viva e direcionada em minha atuação enquanto parte integrante de uma ONG formada por jovens preocupados com a falta de espaços de sociabilidade entre os jovens na cidade de Americana – SP. Com a ajuda do órgão público da cidade, a ONG Família José promoveu um Festival Estudantil de Música intitulado “**Projeto E.U.A. – Escolas Unidas de Americana**”, realizado em duas edições: a primeira no ano de 2005, e a segunda no ano de 2006. O Projeto consistia no interesse da ONG na sociabilidade e união entre as diversas culturas juvenis, que poderia se dar através de um ideal comum: a expressão cultural.

Para contemplar a diversidade cultural existente entre a juventude, três estilos musicais foram escolhidos: Rap, Reggae e Rock. Durante o Projeto, pôde-se constatar que tais estilos expressam não apenas um gosto musical, mas também o contexto social e práticas dos jovens que com eles se identificam.

O palco de tal Projeto foi familiar aos jovens: doze Escolas Estaduais da Rede Pública de Ensino, localizadas em diferentes bairros. Ao promover a interação entre os alunos pertencentes às mais variadas “tribos”, seus amigos, família e a comunidade do bairro, o Projeto também promoveu a ressignificação do espaço escolar, suscitando-me o interesse na

relação entre as possibilidades culturais desse espaço e os jovens, que poderiam fazer parte deste como sujeitos ativos no processo ensino-aprendizagem, de modo a escola se tornar um espaço que promova e potencialize suas experiências culturais.

A ONG Família José foi criada em 19/11/2004 e atua em Americana – SP com programas e projetos que incentivam práticas culturais e de cidadania. Tornando-se um referencial de produção e documentação dessas expressões.

5 CONCLUSÃO

Este estudo se propôs a investigar os problemas referentes às dificuldades de adequação dos adolescentes e jovens pertencentes aos agrupamentos juvenis, denominados de “tribos urbanas”, em sua integração e inserção no âmbito do ambiente escolar.

Através da pesquisa bibliográfica das obras de importantes autores neste campo a que nos propusemos a estudar, foi possível identificar comprovadamente que os problemas que causam estas dificuldades realmente existem e muitas vezes são ignoradas ou desacreditadas pelos educadores e administradores da educação. Mesmo em termos de obras literárias e estudos epistemológicos, é relativamente pequena a preocupação com este problema especificamente.

Debate-se muito na área de problemas a serem solucionados no processo educacional, as questões relativas à evasão, reprovação, defasagem, baixas notas, violência, entre outras; que são amplamente estudadas, pesquisadas e têm projetos em desenvolvimento buscando resolvê-los, sem que muitos percebam que tais dificuldades dialogam e relacionam-se intrinsecamente com a problemática da dificuldade dos jovens oriundos das “tribos” em sua integração, ou falta dela, nas escolas.

Ao pesquisar a origem desses grupos ou tribos, que são comuns nas grandes cidades contemporâneas, entendemos que tais tribos nasceram das ansiedades geradas pela fase de transição e transformações por que passam os adolescentes e jovens, quando buscam formar sua própria identidade fortalecendo-se ao passar a integrar grupos que tenham interesses e necessidades em comum. Esses jovens que anseiam em se mostrar importantes e valorosos a sociedade em que vivem, sofrem com a rigidez de regras e conceitos adotados na maioria das escolas. Causando muitas vezes um choque de comportamento, atitudes e até mesmo de gerações, indo de encontro, por vezes a educadores tradicionalistas e centralizadores, e também a administradores acomodados.

É certo concluir que a inquietação de jovens mal inseridos e insatisfeitos nas escolas é também um fator determinante para os problemas citados anteriormente, apontados como mais preocupantes na educação. E torna-se necessário que sejam estudados conjuntamente como requisito necessário para se chegar a soluções adequadas.

Um ponto positivo e até surpreendente no decorrer deste estudo, foi que juntamente com a constatação e a investigação comprobatória dos problemas acima citados, observamos

que já se encontram em andamento, projetos e experimentações, no sentido de solucioná-los. Tornando-se este um indício positivo que existem cada vez mais pessoas, notadamente profissionais e pesquisadores, preocupados com o avanço das inquietações e dificuldades dos jovens “tribais” que repercutem nos problemas das escolas.

Ao apontar alguns caminhos, direcionamentos e até citar projetos que estão obtendo êxito para resolver os problemas que são a temática deste estudo, terminamos por reforçar nossa ideia inicial que a modernização da educação possibilitando inserir e integrar as mais diversas identidades, advindas da heterogeneidade dos grupos juvenis, passa pelo reconhecimento e aproveitamento das potencialidades e talentos trazidos das vivências urbanas (como música, dança, grafite, teatro, vestuário etc.) absorvendo-as e utilizando-as na reconstrução de um currículo pedagógico pelo qual os alunos sintam-se atraídos e tenham suas potencialidades valorizadas e seus anseios e necessidades considerados.

Essa linha de pensamento com a qual concordamos, é também o pensamento de Dewey, que afirma a necessidade de considerar a aprendizagem, levando em conta as experiências de vida para construir um currículo a partir das necessidades de cada aluno (DEWEY, 1959). Podendo assim recuperar o componente atrativo da escola para os alunos e o prazer de frequentar um ambiente em que se reconheça também como produtor de cultura e conhecimentos, em uma vez de um espaço claustrofóbico e repressor.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZOLINO, Adriana Pessatte; NABARRETTI, Cristiane Peixoto. **Gestão nas IES privadas: capacitação do corpo docente e os paradigmas das tecnologias da informação e comunicação no ensino a distância.** Revista de Ciências Gerenciais, vol. XII, nº. 16, ano 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa.** 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DEWEY, John. **Como Pensamos.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DEWEY, John. **Democracia e Educação. Introdução à Filosofia da Educação.** 4ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1979.

FERREIRA, W. B. **Educação Inclusiva: será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos?** Brasil. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial. Inclusão – Revista da Educação Especial. Ano 1 – Nº 01 – Outubro de 2005, Brasília, DF: MEC, SEESP, 2003.

GADE, Christiane. **Psicologia do consumidor.** São Paulo: EPU, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. – Coleção Leitura

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAQUES, J (199 GADE, Christiane. Psicologia do consumidor. São Paulo: EPU, 1980. 6). **Estilos de relações interpessoais na adolescência.**

Matéria de Revista Não Assinada **O Jeito de Cada Tribo.** “Disponível em:” < http://veja.abril.com.br/especiais/jovens_2003/p_048.html > “Acesso em:” 08/04/2014.

RAGGI, Nathália. **Projeto E.U.A. - Escolas Unidas de Americana.** “Disponível em:” < <http://jovens-tribos.blogspot.com.br/2009/04/projeto-eua-escolas-unidas-de-americana.html> > “Acesso em:” 08/04/2004.

SANTOS, Lisiane Gazola. **Sons das tribos : compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre.** “Disponível em:” < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8596> > “Acesso em:” 08/04/2014.

VIEIRA, Rosângela Souza. **O Papel das tecnologias da informação e comunicação na educação a distância: um estudo sobre a percepção da educação a distância o professor/tutor**. Formoso-Ba: Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) v. 10, 2011.